

PIB fraco terá impacto desprezível nas urnas, dizem economistas

Quinta-feira 31 de Agosto, 2006 2:09 GMT

Por Alexandre Caverni

SÃO PAULO (Reuters) - A constatação de que a economia como um todo não vai tão bem quanto se esperava, como mostraram os números do PIB do segundo trimestre, deve ter impacto desprezível na disputa presidencial.

Economistas avaliam que a atual desaceleração econômica não irá ofuscar, pelo menos neste momento, os ganhos obtidos nos últimos anos pelas camadas da população de renda mais baixa, entre as quais o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, líder das pesquisas, têm ampla vantagem sobre seus adversários.

"Se você analisar as intenções de voto do Lula... onde ele ocupa maior destaque é entre os pobres e entre os pobres brasileiros houve um ganho de renda bastante expressivo nos últimos anos, com redução de desigualdade", disse à Reuters o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

"Acho que ao contrário de outras eleições, que eu não via uma correlação muito clara, quem está percebendo um aumento de renda é mais pró-Lula", acrescentou.

Neri lembra que em 2004, especialmente, houve um aumento na renda dos mais pobres de 14 por cento. "Uma taxa de crescimento chinês, mas só entre os mais pobres", argumentou, referindo-se às elevadas taxas de expansão econômica da China.

E apesar dos números fracos do Produto Interno Bruto de abril a junho, a massa salarial como um todo cresceu 6,8 por cento em relação ao mesmo período de 2005. Já o consumo das famílias cresceu pelo décimo-primeiro trimestre consecutivo.

Enquanto isso, a economia em geral cresceu apenas 0,5 por cento no trimestre em relação a janeiro-março deste ano e 1,2 por cento sobre o mesmo período do ano passado, o que derrubará as projeções de expansão de 2006.

FIGURA SIMBÓLICA

João Sicsú, professor-adjunto do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mencionou outro dado importante: a criação de dois a três milhões de empregos formais durante o governo Lula, ainda que eles tenham remuneração baixa --menos de 3 salários mínimos (1.050 reais).

"A economia está crescendo em setores de mão-de-obra desqualificada ou de baixa qualificação", explicou Sicsú.

"Isso explica por que, apesar de a economia não ir tão bem como dizem --um crescimento medíocre, de fato-- ela está atendendo as necessidades de um segmento social", acrescentou, onde está a base de apoio atual do presidente.

A mais recente sondagem do Datafolha mostra Lula com 50 por cento das intenções de voto, contra 27 por cento de Geraldo Alckmin (PSDB). Entre as famílias com renda de até 2 salários mínimos (700 reais), Lula tem 56 por cento das preferências, enquanto o tucano, apenas 21 por cento.

Independentemente da qualidade dos novos postos de trabalho, Neri lembra que, além do impacto real, o emprego com carteira assinada é uma "figura simbólica importante".

"Uma carteira de trabalho é um símbolo de classe média no Brasil", explicou, acrescentando que "o próprio acesso ao crédito, que aumentou muito nos últimos anos, também é uma coisa simbólica da classe média".

MEXENDO COM O BOLSO

E dentro da melhora da renda está o mais amplo programa social do governo, o Bolsa Família, que fornece recursos para 11,1 milhões de famílias. Como argumenta Sicsú, considerando que cada família pode ter, em média, três votos, só aí Lula teria o apoio de 33 milhões de eleitores. Somando ao das famílias de novos empregados, esse número superaria 40 milhões de votos.

Márcio Pochmann, professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, avalia que o efeito positivo sobre as camadas de baixa renda de medidas como o Bolsa Família ou o aumento real do salário mínimo neutralizam até o impacto das denúncias de corrupção contra o atual governo.

"Por esse motivo, (os mais pobres) continuarão apoiando Lula, já que esse tipo de eleitor racionaliza com fatos concretos que atingem seu bolso", disse Pochmann, que foi secretário da ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy (PT).

Neri vai na mesma linha. "Os indicadores sociais sofreram uma melhora muito importante e o Lula soube capitalizar isso, o que era uma dificuldade do Fernando Henrique (Cardoso)", argumentou, referindo-se ao antecessor do petista.

Pochmann, no entanto, acredita que os ganhos sociais conquistados durante o governo Lula não são sustentáveis com o atual comportamento da economia.

Mas Sicsú pondera que o baixo crescimento ajuda no controle da inflação, que favorece especialmente alguns setores, que são aqueles que hoje apoiam o presidente. "Aí não importa o quanto a economia está crescendo."

"Fazendo uma analogia ao que o assessor do Clinton afirmou há muitos anos, eu diria: 'não é a economia, estúpido, é a desigualdade'", resumiu Neri, da FGV, lembrando da primeira campanha vitoriosa do ex-presidente dos EUA Bill Clinton.

(Reportagem adicional de Vladimir Goitia)